

O livro, qual casa aberta para o leitor interessado, conduz-nos a todas as famílias religiosas presentes em Portugal; desde os Institutos de Vida Activa e Contemplativa, masculinos e femininos, até aos Institutos Seculares, masculinos e femininos, e outras formas de vida consagrada: vida eremítica, virgens e formas não institucionalizadas. Na parte final, são referidas as Sociedades de Vida Apostólica.

Globalmente, as explicitações de «carismas» e «trabalhos principais» são duma compreensão aceitável. Talvez, a preocupação por nada alterar da informação recebida para a confecção da síntese final levasse os autores a transigir com indicações e formulações que não primam de quando em vez pela claridade (p. 68, 87, etc.).

Legítimo se torna reconhecer o esforço e o mérito dos que nos proporcionaram esta síntese descritiva da presença dos religiosos em território nacional. Do título sugestivo e da área trabalhada, surgirão, certamente, outras iniciativas de estudo e informação sobre um capítulo importante do passado e presente da história religiosa em Portugal.

David Sampaio Barbosa

DAURIL, Alden - *The making of an enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond, 1540-1750*. Stanford University Press, 1996. XXXI + 707 pp., 7 mapas, 19 ill.

Este livro é o resultado de uma investigação que decorreu durante mais de vinte anos. O seu autor, Dauril Alden, é conhecido internacionalmente como um dos grandes especialistas da história do Brasil Colonial. De entre os seus primeiros estudos que constituíram um contributo fundamental para a historiografia dedicada ao Brasil, podemos destacar *The population of Brazil in the late Eighteenth Century: a preliminary survey* (1963) e, principalmente, *Royal Government in Colonial Brazil* (1968). Alden colaborou também nas principais obras colectivas publicadas em inglês sobre a história do Brasil e da América Latina. Desde os finais dos anos sessenta que a importância do papel da Companhia de Jesus na formação do Brasil chamou a sua atenção, mas foi sobretudo nos anos mais recentes que publicou a maior parte dos seus trabalhos sobre os jesuítas, alargando, simultaneamente, a sua análise da história da Companhia ao conjunto do Império Português.

Cumprido, desde já, sublinhar a coragem e a importância de uma abordagem da história da Companhia de Jesus no quadro da Assistência Portuguesa durante os dois primeiros séculos da sua existência. De facto, se a maior parte dos estudos recentes sobre a história da expansão portuguesa têm trazido a esta área contributos não negligenciáveis, o certo é que se limitam não poucas vezes a períodos de tempo bastante mais curtos que o presente estudo ou a áreas geográficas muito mais limitadas, não permitindo, regra geral, compreender a complexidade do Império Português no seu todo. Daí também o valor do presente trabalho de Alden, que procura estudar a implantação e o funcionamento da Companhia de Jesus no contexto de um império simultaneamente intercontinental e inter-oceânico, abarcando espaços que vão desde a África Ocidental à América do Sul, e do Oceano Índico ao Extremo Oriente.

O autor procura, desde o início, situar-se fora de qualquer ponto de partida confessional ou apoloético (seja a favor, seja contra) da história dos jesuítas, deixando estas preocupações a outros com um diferente entendimento do papel da historiografia. Talvez por isso se possa pensar que Alden tenha optado por não realizar nesta obra um estudo das mentalidades religiosas, apesar de estarmos perante um trabalho dedicado à história da Companhia de Jesus. É esta exclusão que, à primeira vista, parece ser a principal limitação deste estudo. Isto não significa, convém dizê-lo, que o autor ignore o esforço de evangelização levado a cabo pela Companhia fundada por Inácio de Loyola, que constitui, aliás, a sua principal razão de ser e a sua grande missão. Contudo, a análise do complexo processo de cristianização das sociedades europeias e não europeias, em que a Companhia teve não pequena parte durante a Época Moderna, não está no centro das preocupações de Dauril Alden. Esta questão só é relevante para o autor pela sua relação com os problemas que, de facto, lhe interessam aqui tratar. Como ele próprio afirmou, «Muito foi escrito e continuará a ser escrito sobre a contribuição dos jesuítas para a teologia, a missionologia, as artes e as ciências. Apesar de reconhecer a sua importância, escolhi abordar temas bastante diferentes» («Much has been written and will continue to be written concerning Jesuit contributions to theology, missionology, the arts, and the sciences. Though I concede their importance, I have chosen to examine quite different themes» (p.VIII)). O seu objectivo é, portanto, compreender a organização da Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus e explicar o seu funcionamento no quadro do vasto Império Colonial Português, ou seja, em territórios tão diversos como o Brasil e a Índia, a China e a Etiópia, Angola e o Japão, no período que decorre desde a fundação da Companhia até à sua extinção. Por outro lado, são as questões políticas, militares, diplomáticas e, sobretudo, económicas e financeiras que mais preocupam Alden na sua abordagem da história da Companhia.

Qual a origem dos jesuítas que estavam ao serviço da Assistência Portuguesa? Eram estes maioritariamente portugueses ou estrangeiros? Quem era excluído da Companhia e quais as razões desta exclusão? Quem chegava aos cargos mais importantes no seio da Assistência? Como explicar as relações dos jesuítas com a Coroa portuguesa e com os seus agentes no ultramar? Qual a importância das missões políticas e diplomáticas desempenhadas pelos jesuítas? Como se envolveram os jesuítas em actividades económicas no seio do Império e porque o fizeram? Qual a dimensão real e a importância destas actividades? Como explicar a atitude dos jesuítas perante o tráfico e a escravatura dos negros? Em que gastavam os jesuítas os seus rendimentos? Foi para responder a este tipo de questões que Dauril Alden escreveu este livro. Trata-se, apesar da sua extensão, somente do primeiro volume da obra. Outros dois volumes se seguirão: no segundo volume, intitulado *The Destruction of an Enterprise*, o autor procurará mostrar o como e o porquê da expulsão dos jesuítas de Portugal e do seu Império na segunda metade do século XVIII; no terceiro e último volume, *The Dismantlement of an Enterprise*, estuda-se o destino dos bens que tinham pertencido à Companhia de Jesus.

O livro divide-se em cinco partes. Na primeira parte, Alden traça a história da fundação da Companhia de Jesus, dos seus objectivos iniciais e da polémica que a envolveu, mesmo antes da fundação efectiva. Discute também a importância do papel desempenhado pelo rei de Portugal, D. João III, na aprovação da Companhia pelo Papa, e o auxílio que prestou aos jesuítas. A segunda parte corresponde à expansão

das actividades missionárias da Companhia no quadro do Império Português, mas também para lá das suas fronteiras. As relações dos jesuítas com a Coroa portuguesa são estudadas de forma particular em dois períodos diferentes: os anos que decorrem de 1557 a 1640, ou seja, o período posterior à morte de D. João III, abrangendo a crise dinástica de finais do século XVI e a União Ibérica; um segundo momento, iniciado com a Restauração de 1640, que termina com a morte de D. Pedro II. As consequências, para as actividades dos jesuítas, dos conflitos do século XVII com os holandeses e ingleses no espaço do Oceano Índico até à chamada «decadência» do Estado da Índia, são estudadas com bastante detalhe. Também são abordados o fim da prometedor Província do Japão e os esforços para manter a presença da Companhia na China. No Ocidente, o fim da missão de Cabo Verde e as grandes dificuldades dos jesuítas em Angola e no Congo são, de certo modo, compensados pela recuperação da Província do Brasil, que se seguiu à expulsão dos holandeses do Nordeste. Estas duas partes iniciais constituem, de certo modo, uma síntese da historiografia anterior e uma introdução ao resto da obra.

A organização da Assistência Portuguesa constitui a terceira parte do livro. As relações da Assistência com os diferentes Gerais da ordem e os seus assistentes em Roma, os conflitos no seio da Assistência Portuguesa, os papéis desempenhados pelos Provinciais, pelos reitores e por outros superiores, e a importância dos visitantes são tratados pelo autor com algum relevo. Pensamos, contudo, que o principal interesse desta parte lhe advém do capítulo dedicado ao recrutamento dos jesuítas. É aqui que são analisados em detalhe alguns problemas essenciais como a exclusão dos cristãos novos, a discriminação dos mestiços e dos brancos nascidos fora da Europa, e as dificuldades colocadas à admissão dos não brancos, fossem eles asiáticos, índios do Brasil ou negros de África. A importância dos Europeus não portugueses no seio da Assistência, seja pelo seu número, seja pelas suas qualificações, é também posta em destaque. Completam o capítulo uma prosopografia da Assistência, uma estimativa da duração de vida dos jesuítas e, por fim, a análise da gestão da imagem pública da ordem e dos mecanismos de exclusão dos membros que não correspondiam aos ideais inicianos.

A quarta parte é a mais longa e, a nosso ver, a mais importante deste livro. Aqui o autor analisa de forma quase exaustiva o problema das fontes de rendimento da Assistência Portuguesa desde o estabelecimento da Companhia em Portugal até à sua expulsão. Num primeiro momento, principalmente durante o século XVI, a Coroa desempenhou um papel fundamental no sustento da ordem através de doações de terras, da concessão de rendas e de imóveis, e de grandes somas de dinheiro que permitiram à Companhia de Jesus instalar-se em Portugal e no Império. Os jesuítas conseguiram ainda captar o apoio de alguns doadores privados, sobretudo europeus e asiáticos, nomeadamente de nobres, de comerciantes, de viúvas ricas e mesmo dos simples fiéis que, por exemplo, na Índia tiveram uma importância não negligenciável. Na Ásia, em África e no Brasil os problemas colocavam-se principalmente ao nível da execução dos testamentos dos doadores e da obtenção junto dos oficiais da Coroa das somas prometidas pelo rei. Desta forma, a Companhia perdia não apenas muito dinheiro mas ainda bens consideráveis. Os jesuítas foram assim tomando consciência da impossibilidade de responder às necessidades das suas diferentes províncias tendo por base um rendimento não apenas irregular mas imprevisível. É esta constatação que está na base do investimento de capitais na aquisição de terras,

bem como do envolvimento da Companhia na produção agrícola e na criação de gado. No Brasil, os jesuítas tornaram-se, assim, importantes produtores de açúcar desde os finais do século XVII e, pelo menos a partir do século seguinte, são já também criadores de gado e proprietários de grandes fazendas. O envolvimento da Companhia de Jesus no tráfico de escravos negros de África para o Brasil resultou de motivações semelhantes: a necessidade de garantir um rendimento regular que permitisse o sustento dos seus membros e a continuação das suas actividades educativas e de evangelização, principalmente em África. Este pragmatismo dos jesuítas está na origem da aparente contradição entre a defesa da «liberdade» dos índios do Brasil e a aceitação da escravatura dos negros não apenas como legítima mas como verdadeiramente indispensável para a sobrevivência das actividades produtivas no Brasil. Para além destas questões, Alden discute ainda, no quadro das actividades económicas da Companhia, os investimentos realizados pelos jesuítas da Assistência Portuguesa não apenas no espaço do Império Português mas também fora dele, no que constitui um contributo absolutamente inovador para a história da Companhia de Jesus em Portugal.

Na última parte deste estudo, Dauril Alden procura fazer o balanço destes dois séculos da história da Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus. Num dos capítulos, intitulado significativamente «Por Deus ou por Mamona?» o autor procura desconstruir o mito da suposta riqueza dos jesuítas. Não que não tenham sido cometidos abusos, de poder ou de dinheiro, por parte da Ordem ou de alguns jesuítas, como o próprio autor sublinha, mas, a ser necessário um balanço, a opinião de Alden acerca destes dois séculos de história é largamente favorável à Companhia de Jesus e à obra por ela realizada no Império Português.

Dada a sua extensão, o período de tempo abrangido e a quantidade de questões tratadas, não é verdadeiramente possível dar aqui conta da enorme riqueza deste estudo. Em todo o caso, estamos, sem qualquer dúvida, perante um trabalho de uma erudição impressionante que constitui uma obra de referência indispensável a quem quer que se interesse pela história da Companhia de Jesus - no contexto do Império Português - durante a Época Moderna.

*André Ferrand de Almeida*

SILVA, Manuel Ferreira da [et al.] - *Hospitalidade com João de Deus no coração da história*. Lisboa: Editorial Hospitalidade; Rei dos Livros, 1994, 307 p.

O quántuplo jubileu das Ordens Hospitaleiras (1990-1995), Irmãos de S. João de Deus e Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, reuniu-os em jornadas históricas nos dias 6 a 8 de Março de 1992.

As comunicações agora publicadas remetem-nos às várias efemérides que se quiseram celebrar: o terceiro centenário da canonização de S. João de Deus (16 de Outubro), o primeiro centenário da restauração da Ordem Hospitaleira dos Irmãos de S. João de Deus e seu regresso a Portugal, o primeiro centenário da fundação da Casa de Saúde do Telhal, o primeiro centenário da fundação da Casa de Saúde da Idanha e o quinto centenário do nascimento de S. João de Deus.